

~~ECONOMIA / BRASIL~~**PREPARANDO TERRENO:** *Trajetória de queda deve se manter*

Alta de preços faz juro real no Brasil recuar para 6,5%

País cai para terceira posição na lista de maiores taxas

Luciana Rodrigues

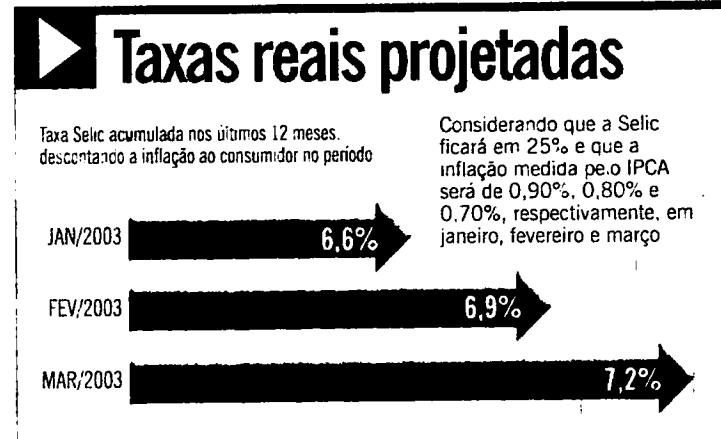
• Mesmo com a alta da taxa básica Selic em sete pontos percentuais desde outubro, os juros reais da economia, que descontam a inflação ao consumidor nos últimos 12 meses, entraram em trajetória de queda e, em dezembro, devem ficar em apenas 6,5%. A projeção é da consultoria Global Invest e considera que a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ficará em 1,7% este mês.

Os juros reais caíram porque o reajuste dos preços foi mais intenso do que o aumento da Selic nos últimos meses. Ainda assim, o Brasil ocupava, até novembro, o terceiro lugar entre os países com mais altas taxas de juros reais do mundo, atrás apenas de Turquia e Polônia. Agora, com a Selic a 25% ao ano, o Brasil deve ir para o segundo lugar no ranking.

Juros podem reduzir excesso de dinheiro em circulação

Segundo o economista Fernando Ferreira, diretor da Global Invest, se a taxa ficar nesse patamar nos próximos meses, o país voltará a ser o primeiro em juros reais do mundo, posto que ocupava até outubro.

— O problema é que juros mais altos significam mais despesa com a manutenção da dívida pública — diz Ferreira. — O aumento de sete pontos percentuais na Selic, se mantido por seis meses, fará com que os custos da dívida consumam o equivalente 30% do esforço fiscal feito pelo governo nos últimos 12 meses.



O diretor da Global Invest acredita que não era necessária uma nova alta de juros, pois a inflação já dá sinais de recuo e era inevitável uma elevação mais forte nos preços diante da magnitude da desvalorização cambial este ano.

— O México, em 94, e a África do Sul, em 2000, passaram por choques cambiais e tiveram inflação ligeiramente mais alta, porém sem descontrole. Depois, gradualmente, a inflação recuou. O mesmo aconteceria no Brasil com ou sem juros mais altos. O baixo nível da atividade econômica e a impossibilidade de indexação evitariam a alta continuada da inflação.

Para o economista Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central, era necessário subir os juros para evitar que os investidores perdessem o interesse pelos títulos do governo, dificultando a administração da dívida pública. Com a alta da inflação, os títulos passaram a oferecer remuneração comparativamente menos atrativa, ou seja, os juros reais ficaram menores.

Por causa disso, acrescenta Freitas, o governo teve que resgatar parte dos títulos públicos, provocando um aumento da quantidade de dinheiro em circulação, o que torna mais difícil o controle da inflação.

— A alta de juros foi uma medida correta e já devia ter sido tomada. Antes tarde do que nunca — diz Freitas.

Alexandre Schwartzman, economista-chefe da BBA Corretora, também considerou acertada a decisão do BC. Segundo ele, a alta da inflação e a piora nas expectativas para a trajetória dos preços em 2003 exigiam uma postura agressiva do BC, ou seja, uma forte elevação dos juros. Ele explica que a desvalorização do real, se por um lado ajudou o país a aumentar as exportações e obter superávits comerciais, por outro pressionou a inflação.

— Para preservar o ajuste nas contas externas e frear a alta de preços nos produtos que não são afetados pelo dólar, era preciso reduzir a demanda interna. Ou seja, subir os juros — afirma. ■